

Jaldemir Vitório

A formação na
Vida Religiosa Consagrada
Reflexões para uma pedagogia mistagógica



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Vitório, Jaldemir

A formação na vida religiosa consagrada : reflexões para uma pedagogia mistagógica / Jaldemir Vitório. - São Paulo : Paulinas, 2022. 280 p. (Coleção Tendias)

Bibliografia

ISBN 978-65-5808-109-8

1. Mistagogia 2. Igreja católica I. Título II. Série

22-0680

CDD 268.82

Índice para catálogo sistemático:

1. Mistagogia : Formação religiosa 268.82

1ª edição - 2022

Direção-geral: *Flávia Reginatto*

Editora responsável: *Fabiola Medeiros*

Copidesque: *Ana Cecilia Mari*

Coordenação de revisão: *Marina Mendonça*

Revisão: *Sandra Sinzato*

Gerente de produção: *Felício Calegaro Neto*

Capa e diagramação: *Sandra Regina Santana*

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.

Paulinas

Rua Dona Inácia Uchoa, 62
04110-020 – São Paulo – SP (Brasil)

Tel.: (11) 2125-3500

<http://www.paulinas.com.br> – editora@paulinas.com.br

Telemarketing e SAC: 0800-7010081

© Pia Sociedade Filhas de São Paulo – São Paulo, 2022

Aos religiosos que acreditam na relevância evangélica
da Vida Religiosa Consagrada;
dedicam-se com sinceridade
à formação das novas gerações;
respondem ao chamado para o serviço
dos empobrecidos e marginalizados;
e se dispõem a ser profetas,
nos passos de Jesus de Nazaré.

SUMÁRIO

Introdução	9
I. Vida Religiosa Consagrada: identidade e pressupostos	19
II. Um olhar mistagógico para a formação.....	35
1. A palavra-metáfora formação: suas conotações	35
2. Pressupostos da formação.....	37
3. A formação como mistagogia.....	42
4. O componente congregacional.....	45
5. A formação e seus múltiplos contextos	47
6. A formação como processo.....	57
7. A metodologia do processo formativo	63
8. A meta do processo formativo	65
9. Atitudes resultantes do processo formativo mistagógico	68
III. Formadores mistagogos: a participação na obra de Deus	73
1. Pinceladas sobre a realidade.....	73
2. O perfil mistagógico do formador.....	75
3. Ser formador em tempos de aceleradas transições	76
4. Delineando a figura do formador.....	81
5. Formador: um religioso em processo de formação	88
6. Ser formador: um dom, uma arte	90
7. Ser formador: missão de todo religioso.....	94

IV. O formador mistagogo no trato com os formandos	97
1. O “material humano” a ser trabalhado	97
2. Personalizando a formação	105
3. Posturas a cultivar	110
4. Posturas a evitar	119
5. O projeto cristão apresentado com fidelidade.....	127
6. Como enfrentar os casos difíceis e complicados	132
7. O acompanhamento dos formandos “especiais”	137
V. O formador mistagogo na mira dos formandos	141
1. Os formadores avaliados pelos formandos	141
2. A abertura para se deixar questionar.....	144
3. Atitudes positivas dos formandos	145
4. Atitudes negativas dos formandos	150
5. Os referenciais inspiradores.....	154
6. Formandos formadores	157
VI. A transparência na formação mistagógica.....	161
1. Transparência: o que é?	162
2. Um caminho de muitas mãos.....	164
3. A transparência processual	171
4. A transparência condicionada.....	174
5. Os níveis da transparência	176
6. A transparência libertadora	179
7. A transparência mistagógico-missionária	180
VII. A equipe de formação mistagógica.....	183
1. Qualificação dos membros	184
2. Número de membros	185
3. Recomposição	186
4. Estabilidade	187
5. Diversidade	188
6. Relações internas	190

7. Acompanhar a caminhada dos formandos: tarefa fundamental.....	195
8. Superiores maiores e equipes de formação	199
VIII. Formação mistagógica no mundo digital	201
1. VRC na era da comunicação e da informação.....	203
2. Mundo digital e a formação	207
3. Formar para um novo Pentecostes	218
IX. Ossos do ofício de um formador mistagogo	223
1. Imagem pública dos religiosos	223
2. Dar e receber informações.....	228
3. Heterossexualidade – homossexualidade.....	234
4. Recurso à psicoterapia.....	238
5. Vocação de adultos.....	242
6. “Figurinhas carimbadas”	245
7. Egressos de outras congregações	248
8. Acompanhamento das junioristas	252
9. Aspirantado e postulante: duas etapas fundamentais	256
X. Internalização de um modo de proceder mistagógico	261
XI. Colhendo os frutos da formação mistagógica.....	271
Conclusão	277

INTRODUÇÃO

O momento atual das congregações religiosas, mesmo numa avaliação superficial, mostra-se pouco favorável para o cultivo de esperanças. As vocações rareiam. O índice de perseverança das novas vocações tira o sono de muitas equipes de formação. As novas gerações têm dificuldade de se adaptar às estruturas anacrônicas das comunidades religiosas, bem como de se inserir nas obras apostólicas e nas frentes missionárias, onde correm o risco de encontrar veteranos e veteranas pouco dispostos a abrir espaço para quem chega. Por outro lado, os horizontes cultural, religioso, ideológico e mesmo moral dos que são acolhidos nas casas de formação podem ser muito distintos daqueles dos formadores.

Outro cenário que se descortinou nas últimas décadas, em geral, como desdobramento do pentecostalismo católico, aponta para as novas comunidades de vida, masculinas e femininas, ligadas a pessoas convencidas de possuírem o “carisma de fundadores”. Ao mesmo tempo que existem pontos de convergência com a Vida Religiosa Consagrada (VRC) tradicional, como seriam a vida comunitária e de oração, os votos, a missão e outros elementos, podem também ser detectados pontos de divergência. O mais relevante diz respeito ao campo da eclesialidade. As novas comunidades tendem a girar em torno dos movimentos de

onde se originam, numa espécie de dinâmica centrípeta. As congregações religiosas, apesar dos pesares, optam pelo serviço da Igreja e se dispõem a estar onde mais se necessita de sua presença, no que deveria ser uma dinâmica evangelicamente centrífuga. Contudo, o nível de eclesialidade de muitas comunidades religiosas revela-se baixo, apesar das aparências. Esse modo de proceder destoa do carisma da VRC, chamada à inserção na vida da Igreja, nos mais diferentes cenários, na condição de colaboradora na ação evangelizadora.

O confronto da VRC apostólica com as novas comunidades revela um evidente contraste. Uma tem demasiadas estruturas, a outra é mais leve e dinâmica. Uma mostra-se pouco atrativa para as juventudes, a outra é talhada para elas, com pouquíssimo espaço para pessoas de mais idade. Uma parece conformada com as coisas que faz, sem dar mostras de querer avançar, por lhe faltar ousadia, a outra tem espírito guerreiro e vai sem medo onde estão as pessoas que precisam ouvir a mensagem do Evangelho, do mundo universitário aos moradores de rua, tentando falar a linguagem deles. Uma trabalha com o ideal de perpetuidade e definitividade, a outra vai se adaptando aos apelos do Espírito. Uma não se deu conta de estarmos na era da comunicação, a outra transita pela mídia como se estivesse em casa. Se uma usa tanques pesados, a outra opera mísseis teleguiados. Esses poucos indicadores bastam para explicar por que muitos, especialmente jovens, batem nas portas das novas comunidades e são acolhidos, ao passo que muitas casas de formação da VRC estão às traças ou a um triz de serem fechadas.

Sendo assim, uma questão desponta de imediato: por que perder tempo com um livro sobre a pedagogia da formação na VRC tradicional, nesses tempos bicudos, no tocante às novas vocações? Se são escassas as vocações, para que serve um livro sobre pedagogia da formação? São vários os motivos para justificá-lo. O inverso vocacional que se abateu sobre a VRC, de maneira alguma põe em xeque o mérito eclesial e missionário desse carisma, e sim coloca em evidência os caminhos enviesados pelos quais os religiosos e suas congregações estão transitando, com a consequência previsível de afastá-los do Evangelho. Se nós, religiosos e religiosas, ainda não fomos capazes de nos colocar num processo decidido de refundação, anseio do Concílio Vaticano II e seu apelo ao *aggiornamento*, a tarefa continua de pé. Por outro lado, o serviço aos pobres e marginalizados, nas muitas periferias do mundo, está na base da identidade da VRC apostólica. Os primeiros prejudicados com a perda de vigor comunitário e missionário das comunidades religiosas e das congregações são os preferidos de Jesus: os esquecidos da nossa sociedade e da Igreja. Nosso descompasso com o sentido da consagração salta-nos aos olhos, embora instados pelo Espírito a retomarmos o bom caminho. Está em nossas mãos relançar, profeticamente, nosso carisma, com a beleza e o mérito que o revestem. Se o fizermos, estaremos em condições de propor a muitas pessoas ousadas e generosas o projeto de vida de nossas congregações como opção sensata onde investir o melhor de seus dons, como caminho de humanização e de realização pessoal. Este livro, então, poderá ser uma ferramenta útil para a formação de quem está dando os primeiros passos entre nós.

Entrementes, quem bate em nossas portas e é acolhido nas casas de formação tem o direito de ser respeitado em seu ideal de crescer na vocação à qual respondeu, assim como de ser ajudado da melhor maneira possível, com a pedagogia mais conveniente. Este livro tem a pretensão de ser útil para os formadores nos tempos em que devemos manter acesa a chama do nosso ideal, como incentivo para esperar contra toda esperança. Trata-se da partilha despreziosa de algumas pistas que podem estimular o processo formativo na VRC a se tornar uma autêntica mistagogia, um caminho para Deus e seu mistério insondável. E, com ela, para o interior de nós mesmos, reflexos do mistério divino, para os irmãos e irmãs de comunidade, com quem compartilhamos um projeto de vida e de missão, para os muitos irmãos e irmãs a quem somos enviados, mormente, os caídos pelo caminho, para quem devemos ser os bons samaritanos. A mistagogia nos coloca, também, a caminho do mistério do Criador presente na criação, cuja sustentabilidade tornou-se um ponto de pauta na agenda da humanidade.

Quem adentra nossas casas de formação, após um processo de discernimento vocacional e o reconhecimento da autenticidade do chamado, jamais poderá tornar-se uma marionete nas mãos de formadores despreparados, tampouco, ser tratado como *avis rara*, em meio a personalidades exóticas e desajustadas.

A pedagogia da formação supõe das comunidades um enorme esforço de se abrirem para acolher quem chega para compor o corpo apostólico da congregação. Portanto, as comunidades religiosas são desafiadas a se submeterem

a um processo de discernimento vocacional, questionando-se pela fidelidade ao amor primeiro, com o desejo de criarem um espaço “gostoso” de convivência, de partilha e de solidariedade, características de quem se deixou encantar por Deus e, na força do seu Espírito, partilha a vocação batismal e se alegra com a chegada de novos companheiros e companheiras de jornada. E, mais, ajuda-os a se inserirem na “família espiritual” à qual se sentem chamados.

As reflexões aqui apresentadas correspondem à partilha das intuições que me foram ocorrendo ao longo de muitos anos de engajamento na tarefa de formador de religiosos e de seminaristas. Quiçá possam ser úteis para quem recebeu a missão de acompanhar os formandos de suas congregações. Essas reflexões devem ser, continuamente, aprofundadas e reformuladas, considerando tratar-se de percepções referentes a seres humanos, em contextos que evoluem fora de qualquer controle. Cada leitor saberá aplicar à própria situação as ideias aqui compartilhadas e dar um passo adiante, de modo a fazer a reflexão progredir.

Portanto, aconselha-se a não absolutizar as afirmações encontradas no decorrer da leitura, por não terem o intuito de ser a última palavra sobre nenhum dos temas aqui abordados. São ideias lançadas para serem rastreadas por quem se embrenhou nesse emaranhado chamado “formação da VRC”. Está fora do propósito desta obra gerar celeuma em torno de alguma afirmação ou pensamento inusitado. Deseja-se, sim, criar espaço para que os ingredientes da formação sejam discutidos com honestidade e transparência, tendo o Reino como horizonte. Quanto mais acertarmos numa pedagogia mistagógica que promova a transfiguração

de quem optou pelo carisma da consagração na vida religiosa, tanto mais estaremos colaborando para o advento de comunidades e congregações mais sintonizadas com o Mestre Jesus, que conta conosco na condição de servidores e servidoras dos mais pobres, seus preferidos.

Haverá leitores que, talvez, considerarão um tanto irrealistas algumas de nossas reflexões. Pense-se no tópico referente às equipes de formação. A pobreza de membros mal permite algumas congregações garantirem uma presença mínima de formadores nos vários estágios da formação, às vezes, devendo a mesma pessoa encarregar-se, simultaneamente, de distintas etapas. Longe de provocar desânimo ou frustração, espera-se que reforcem o ideal da consagração e deem o melhor de si para superar as turbulências que nosso carisma enfrenta, na certeza de que o Senhor continua a chamar pessoas generosas para o serviço da messe, que cresce sem cessar, sempre carente de novos operários. Importa sabermos apresentar nosso carisma congregacional como caminho possível e sermos testemunhos da consagração vivida com radicalidade, a ponto de encantar outras pessoas e motivá-las a fazerem uma opção de vida semelhante à nossa.

Com certeza, muitos gostariam de ver as afirmações ilustradas com casos concretos. A opção por evitar exemplificações deveu-se ao esforço de não sobrecarregar o texto. Todavia, cada afirmação tem o respaldo de vivências, ficando de lado as teorizações. Estou seguro de que a leitura evocará no coração e na mente dos leitores histórias pessoais do tempo de sua formação e enquanto formadores. Bom seria se os ajudasse a compreendê-las mais profundamente e

descortinasse novos rumos a serem dados ao mister de formador. Em todo caso, tudo quanto se dirá partirá da vida e voltará para a vida. O círculo que vai da experiência e volta para a experiência, à luz da fé e do desejo de servir, permitirá aos formadores crescerem na consciência da grandeza da missão que lhes cabe. E os motivará a assumi-la com maior ânimo e generosidade.

A pedagogia aqui contemplada diz respeito, apenas, à relação formador-formando. A tarefa da formação, porém, comporta outros percursos pedagógicos a serem devidamente formalizados e valorizados. Exige-se pedagogia para a introdução dos formandos na prática da oração, da vida comunitária, na missão, no corpo apostólico congregacional, na formação acadêmica e profissional, e outros âmbitos. Como se pode constatar, a semântica do termo pedagogia, aqui, está bem delimitada. E a reflexão se manterá nesses trilhos!

Ainda que esta obra possa ser lida individualmente, espera-se que se torne geradora de pautas para serem maturadas e aprofundadas no diálogo entre formadores. A troca de experiências, inclusive entre formadores de distintas congregações, com suas trajetórias peculiares, poderá proporcionar novas luzes a iluminar os atalhos e as veredas de quem se vê de braços com o encargo de ajudar as novas gerações de religiosos e religiosas a darem os primeiros passos na caminhada congregacional.

Os leitores implícitos desta obra são os formadores da VRC apostólica, às voltas com os formandos e suas problemáticas específicas. Todavia, os formadores de seminaristas diocesanos, com as devidas adaptações, poderão

beneficiar-se com o conteúdo aqui compartilhado. Afinal, a realidade da formação na VRC tem muitos pontos de contato com a formação nos seminários diocesanos.

Mirando um pouco além, entrevê-se que esta obra poderá, de igual modo, ser de grande valia para provinciais e superiores maiores, responsáveis últimos pelas decisões a serem tomadas no campo da formação dos membros de suas congregações. Encaminhamentos equivocados, feitos pelos superiores, bem como a condução precipitada de processos formativos têm efeitos a longo prazo, tanto na vida dos formandos quanto no corpo apostólico congregacional. O acerto nas decisões, todavia, depende do conhecimento dos meandros do processo formativo e da pedagogia para conduzi-lo.

Um ponto de atrito constante nas congregações toca as relações entre as equipes de formação e os superiores maiores. Os desentrosamentos são recorrentes, tornando-se foco de desânimo e desmotivação por parte dos formadores, abrindo brecha para desvios de conduta dos formandos. O interesse e o conhecimento dos superiores, em relação à pedagogia da formação, poderão prevenir uma série de transtornos altamente prejudiciais para todos os implicados na tarefa de formar as novas gerações das congregações.

Este livro poderá colaborar para a construção de consensos pedagógicos por parte dos que são incumbidos de colaborar com os formandos na exigente caminhada para Deus, em comunhão de vida e de missão com tantos irmãos e irmãs.

Optei pela linguagem não inclusiva para facilitar a leitura. No entanto, tive sempre em mente formadores e

formadoras, formandos e formandas, religiosos e religiosas. Peço, de modo especial, às leitoras a gentileza de fazerem as devidas transposições no decorrer da leitura. Com raríssimas exceções, a vertente masculina da VRC foi privilegiada, apesar do uso continuado do masculino. A parceria de longos anos com as religiosas permitiu-me fazer uma parcela considerável das reflexões aqui desenvolvidas.

Os leitores antenados perceberão a semelhança desta obra com a que publiquei há algum tempo.¹ E terão acertado! Este texto resulta da reescrita integral do texto anterior, da atualização do conteúdo, bem como da inserção de um capítulo novo, referente à candente questão das implicações do mundo digital no âmbito da formação das novas gerações de consagrados.

¹ *A pedagogia na formação: reflexões para formadores na vida religiosa*. São Paulo: Paulinas, 2008.

A ação formativa depende de uma correta concepção de VRC por parte de seus agentes, de modo a poupar os formandos de serem confrontados com ideias arcaicas, irrealistas ou demasiadamente críticas. Num passado recente, foi entendida como “caminho de perfeição”, “testemunho do Absoluto”, “escolha da melhor parte”, focando no que tem de sublime. Chegou-se ao ponto de referir-lhe com exclusividade certas passagens evangélicas, como se Jesus e os evangelistas tivessem se reportado diretamente aos religiosos. Numa postura mais crítica, em consonância com os apelos do Espírito para a Igreja latino-americana, a VRC foi entendida como “sal da terra”, “luz do mundo” e “fermento na massa”, a ponto de se multiplicarem as comunidades de inserção nos meios populares e os conventos, pouco a pouco, se esvaziarem, também, pela acelerada diminuição dos quadros das congregações religiosas.

A VRC é “um” caminho para Deus, entre tantos outros, cada qual com suas especificidades e exigências peculiares. Todos eles são vias igualmente valiosas na caminhada para Deus. Ao abraçar a VRC, escolhe-se “um” caminho e não “o” caminho. E esse se torna “meu” caminho, “o” caminho para mim, sem desmerecer os demais.

A VRC situa-se no âmbito de uma dinâmica existencial, com seus pressupostos. Enraíza-se na condição

humana, base e princípio de tudo. Num processo continuado de amadurecimento, a pessoa estará em condições de optar por esse projeto de vida. Reduzida à pura vertente congregacional e jurídica, ela se empobrece. O ingresso na VRC possibilita ao religioso levar adiante um processo gradativo e dinâmico de amadurecimento, construído passo a passo, em cada etapa, a partir da formação inicial. Torná-la estática e monolítica corresponde a extinguir o fogo do Espírito que traz dentro de si. Cada congregação, considerando seu carisma, espiritualidade e missão na Igreja, vê-se desafiada a formular um projeto de formação que abranja todo o percurso de vida do religioso, em que se apresente, claramente, a meta a ser alcançada, bem como as pistas para atingi-la.

A opção pela VRC engloba as dimensões humana e cristã, em mútua dependência, dando origem a uma terceira dimensão, ao fundi-las com o carisma encarnado nos projetos congregacionais. O religioso reveste-se da humanidade do Cristo, nos moldes da espiritualidade e da missão de uma congregação, de modo a assumir uma postura singular, na Igreja e na sociedade. Em outras palavras, o religioso é um cristão profundamente humanizado que opta por colocar em comum, com outros cristãos, sua fé e sua missão, e se pautar por uma proposta congregacional, correspondente ao carisma de um fundador ou uma fundadora, que o possibilite dar passos significativos no caminho para Deus.

Os elementos peculiares da VRC possibilitam ao religioso ser sempre mais humano e viver a fé cristã com radicalidade, como serviço misericordioso ao próximo. Quanto

mais integradas forem as dimensões, tanto mais esse carisma eclesial favorecerá a realização pessoal de seus membros e cumprirá seu papel na Igreja e na sociedade.

a) A *dimensão humana* está na base. Nela a pessoa integra os componentes sociais, psicológicos, afetivos, sexuais, morais, religiosos e intelectuais de sua personalidade, e supera a fragmentação, os reducionismos e o vazio existencial. Trata-se de um tesouro a ser comunicado de pessoa a pessoa, de geração a geração, não bastando, apenas, ter um corpo e uma existência semelhante aos dos animais. Cada indivíduo carece de ser ensinado, desde a mais tenra infância, a respeitar o próximo, a controlar seus impulsos e paixões, a assimilar padrões de comportamento ético-morais, a elaborar uma escala de valores onde a verdade, a honradez, a honestidade, a gratidão, a urbanidade, o direito, a justiça e virtudes afins tenham primazia. Deve aprender o valor do trabalho, da solidariedade e da partilha. E, também, a reconhecer a presença do sagrado e da transcendência em sua vida, a desenvolver suas aptidões para a arte e a cultura e a apurar a sensibilidade estética. O senso crítico aprende-se no âmbito sociofamiliar, a partir dos valores aí veiculados. Uma vez assimilados, a pessoa estará em condições de avaliar, de maneira madura e lúcida, fatos, ideologias e mentalidades.

Humanidade tem a ver com oblatividade. Quanto mais oblatividade, tanto mais humanidade. Quanto mais egoísmo, autocentramento e autorreferencialidade, menos humanidade. A capacidade de sair de si e se colocar a serviço dos demais serve de critério para avaliar a consistência da dinâmica de humanização. Ser oblativo é

ser-para-os-outros; é doar e se doar, e entregar a vida em favor do próximo. O grau de humanização de uma pessoa se mede pelo modo como ela trata o semelhante. Sempre haverá a possibilidade de dar novos passos e ser criativo na vivência da misericórdia, da reconciliação e do amor serviçal.

O ingresso na VRC pressupõe do candidato um consistente patamar de humanidade, a ser sempre mais incrementada ao longo da formação e da caminhada. Longe de se pensar em pessoas perfeitas e acabadas, realidade utópica, pensa-se em pessoas dispostas a superar seus limites e dar sempre novos passos, com os olhos fixos em Deus. Com tal pressuposto, espera-se do religioso provento um grau de humanização, de oblatividade, superior ao de um postulante ou jovem professo. A existência de religiosos maduros em idade cronológica, porém, autocentrados e desprovidos de misericórdia deve-se considerar um contrassenso. Afinal, a decisão pela VRC, com seu excelente potencial de humanização, implica lançar-se de corpo e alma numa dinâmica de saída de si e de busca do próximo, com generosidade e radicalidade. Todas as suas estruturas apontam nessa direção. Por conseguinte, ser religioso e se recusar a crescer em humanidade constituem-se num fenômeno inexplicável. Pura insensatez!

Os valores da humanização são herdados, assimilados e transmitidos, em primeiro lugar, na convivência familiar e no ambiente social. Mesmo descartando um tipo de determinismo social, pelo qual uma pessoa nascida de boa família será de boa índole e quem cresce em ambiente de pobreza e de violência está fadado a tornar-se um

marginal, é imperioso reconhecer a importância da família e do contexto social no processo de humanização. A pessoa cujo nascimento foi preparado com alegria e, ao vir à luz, recebeu carinho e afeto, tem mais possibilidade de crescer em humanidade do que o rejeitado ainda no ventre materno ou que correu o risco de ser abortado; nasceu em meio a conflitos; não conheceu o carinho materno ou paterno e recebeu maus-tratos desde pequeno. O afeto recebido em contexto familiar pode-se comparar com a água com que se rega uma plantinha. A falta de afeto para um ser humano assemelha-se à falta de água para as plantas. O raquitismo psicoafetivo será claramente perceptível nas ações e nas reações da pessoa mal-amada, em seu mau humor, pessimismo, excesso de criticidade, carência desmesurada de afeto e de reconhecimento. Encontrando-se com religiosos sempre de mal com a vida, fechados em seu mundo e incapazes do menor gesto de solidariedade, recomenda-se questioná-los sobre as suas bases humanas. Com grande probabilidade, são precariamente humanos, donde a insistente tendência a se colocarem na contramão de tudo e de todos, a se fazerem de vítimas, a se fecharem em seu mundinho, atitudes próprias de personalidades infantis, bloqueadas e imaturas.

A grande maioria dos problemas que afetam em cheio a VRC situa-se aqui. Pessoas com pouco cabedal de humanidade, quando aceitas na VRC, tendem a criar em torno de si um ambiente de desumanização. Caso cheguem a ter nas mãos o poder e se considerem autoridades, tornam-se tiranas insuportáveis, tremendamente despóticas. Por não terem sido amadas e valorizadas, quando vieram ao mundo,

tendem a não amar e a não valorizar as pessoas a seu redor. Eis o calcanhar de Aquiles da VRC!

Torna-se complicado fazer religiosos projectos pas-sarem por um processo de humanização, quando esse não começou ainda em família. Suas estruturas mais profundas estão de tal forma deformadas, a ponto de inviabilizar qualquer tentativa de lhes dar uma nova impostação. Como ensinar a ser gentil e agradecido a quem passou a vida pisando nos outros, sem jamais se deixar mover pela gratidão? Como inculcar o valor do trabalho e da colaboração a quem sempre foi preguiçoso e viveu na ociosidade, às custas do trabalho alheio? Como tornar aberto para a misericórdia e o perdão quem insistentemente cultivou no coração o ódio e o desejo de vingança? Como exigir trabalhar em equipe quem se acostumou a se julgar senhor e sentir prazer em mandar e dominar? Sem um processo de conversão, no sentido forte da metanoia evangélica, qualquer tentativa de humanizar personalidades fossilizadas ficará inviabilizada. Donde a necessidade de cuidar para não acolher na VRC pessoas cuja desumanização, dificilmente, poderá ser revertida, ou que sejam bloqueadas, com baixa autoestima ou traumatizadas, para além de qualquer esperança de reversão desses quadros.

O nível de humanização dos candidatos à VRC – sua oblatividade – deve ser devidamente avaliado, antes de serem inseridos na dinâmica da formação. Se não trazem consigo certa bagagem de maturidade ou não se dispõem a se abrir para se deixarem ajudar, com perspectivas de resultados convincentes, a prudência aconselha fechar-lhes as portas da congregação. Com grande probabilidade, serão

religiosos problemáticos e complicados, motivo de muitos transtornos nas comunidades de formação e, caso permaneçam, haverão de criar encrencas por onde passarem. Basta verificar a baixíssima qualidade de vida de muitas comunidades religiosas para se dar conta de que, na origem dos conflitos e dos desentendimentos, estão religiosos desumanizados e, por consequência, desumanizadores. Quando acontece de os membros da uma comunidade reforçarem a dimensão humana, o resultado será uma notável melhora na qualidade das relações entre eles.

Um grande desafio consiste em convencer os religiosos desumanizados da necessidade de se trabalharem, recorrendo à psicoterapia ou outros métodos, em vista de superarem seus bloqueios e as marcas do passado. Em geral, são recalitrantes quando confrontados com a necessidade de recorrerem a ajuda especializada. Assim, perdem uma excelente oportunidade de se libertar, de crescer e de viver a VRC de maneira saudável e realizadora. E continuarão a ser um fardo pesado para os irmãos de comunidade e para a congregação!

b) A *dimensão cristã* corresponde a um desdobramento da dimensão humana e consiste na vivência do *humanum* nos passos de Jesus de Nazaré. Tornar-se discípulo do Reino significa abraçar o projeto de vida dele, com seu estilo peculiar. Em outras palavras, ser cristão consiste em ser humano como Jesus; pautar-se pelos mesmos princípios que foram os dele e configurar a própria existência inspirando-se nele. O único pré-requisito será possuir uma sólida base humana, a ser configurada com os elementos oferecidos pela fé batismal e seus componentes evangélicos. Por isso,

o Batismo só deveria ser ministrado a quem possuísse um mínimo de humanidade, sobre a qual o projeto cristão se constrói. Lamentavelmente, muitos batizados jamais estarão em condições de se tornar autênticos cristãos. Pode esperar ser chamado de cristão quem tem o coração fechado para o perdão e a misericórdia? Ou, então, não reconhece o valor da solidariedade, da partilha; mostra-se insensível ao se defrontar com a dor e o sofrimento dos empobrecidos e injustiçados; vive uma fé individualista, feita de devocionalismos e práticas religiosas sem profundidade?

A concessão do Batismo de maneira indiscriminada, como costuma acontecer, só se justifica numa Igreja e numa sociedade onde a fé cristã foi transformada em pura religião (cristianismo), descolada do Evangelho e do seguimento de Jesus. Batiza-se por tradição, sem referência consistente ao Mestre de Nazaré. O resultado se percebe tanto em termos eclesiais quanto sociais. Muitos batizados e membros de igrejas que se consideram cristãs estão na origem da corrupção e da injustiça que assolam nosso país, incapazes de perceber a radical incompatibilidade entre o que fazem e a dinâmica da fé. E, quando se trata de membros de ordens e congregações religiosas, de quem se esperaria maturidade na fé?

O modo de proceder evangélico – *ethos* cristão – não se articula em torno de práticas reservadas, com exclusividade, para os discípulos de Jesus de Nazaré. Os cristãos podem agir como o fazem muitos não cristãos e, até mesmo, ateus. A originalidade do agir dos discípulos do Reino está no sentido dado às suas ações. Tudo quanto fazem acontece sob a égide do Deus revelado pelo Filho Jesus, com o rosto

de Deus Trindade. Os cristãos reconhecem-se filhos e filhas de Deus e, por conseguinte, irmãos e irmãs, membros da grande família da qual Deus é Pai e Mãe.

Jesus Cristo – o “Verbo de Deus que armou a sua tenda no meio de nós” (Jo 1,14) – assume a condição de irmão maior. Seu mistério pascal – encarnação, vida, morte e ressurreição – trouxe salvação para a humanidade, transviada nos caminhos do egoísmo e da violência. O cristão reconhece o Espírito Santo como dinamizador de sua existência, movendo-o sempre para o bem e a solidariedade, para a justiça e a reconciliação entre todos os povos.

As virtudes teológicas – fé, esperança e caridade – são o eixo do agir cristão. A *fé* confronta o discípulo do Reino com o Deus Trindade e sua infinita misericórdia, inserindo-o no diálogo com o Outro e movendo-o a sair de si mesmo e a ultrapassar os limites terrenos e históricos das relações humanas. A *esperança* projeta-o para o futuro e lhe descortina a expectativa da vida eterna de comunhão com o Pai e com os irmãos. A *caridade* leva-o a estabelecer com o próximo relações de fraternidade, fundadas na misericórdia, na justiça, no respeito, no cuidado e no reconhecimento de sua dignidade de filho e filha de Deus. A caridade (*ágape*) vai além da simples filantropia e do humanitarismo, por considerar o serviço ao próximo como mediação da experiência do Deus cristão e critério de salvação.

A vocação cristã funda-se numa opção pessoal pelo Reino de Deus, revelado por Jesus Cristo – “eu creio” –, e seu desdobramento numa vivência eclesial-comunitária – “nós cremos”. O Batismo sela o compromisso cristão e, com ele, insere o batizado na Igreja, a grande comunidade dos

discípulos e discípulas do Reino. Quando falta a expressão eclesial, o Batismo não se configura como sacramento. Porém, uma comunidade eclesial, cujos membros desconhecem as implicações éticas do compromisso com Jesus e com o Reino, poderá ser considerada cristã?

O passo da fé demanda dos batizados o esforço de serem humanos como Jesus. As catequeses evangélicas apresentam, de corpo inteiro, sua humanidade, a ser contemplada e assimilada como primeiro passo para o conhecimento de Jesus e seu consequente seguimento. Ninguém segue um Jesus abstrato, idealizado e distanciado de sua realidade. E sim o Jesus caminheiro das estradas da Palestina, cujo testemunho de humanidade atraiu multidões, desejosas de um estilo de vida alternativo. Seu humanismo teve como espinha dorsal o “amor mútuo”, indicativo da condição de discípulo, apresentado como “novo mandamento”, sinal distintivo de quem o segue: “Nisto todos saberão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros” (Jo 13,35). O amor configura-se como caminho excelente de humanização, quando se segue os passos de Jesus. “Este é o meu mandamento: amai-vos uns aos outros como eu vos amei” (Jo 15,12). Sem amor não existe humanização. Entretanto, no amor ensinado e praticado por Jesus de Nazaré, a humanização atinge o seu cume. “Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos” (Jo 15,13) resume sua caminhada, consumada na morte de cruz.

A precária formação para a vivência da fé oferecida pela catequese obriga os formadores a verificarem, nas etapas iniciais do processo formativo, a consistência e a profundidade da dimensão cristã dos candidatos à VRC. E, a partir

daí, estabelecerem um programa de formação catequético-mistagógico, combinado com a busca de autenticidade na prática dos valores evangélicos. De nada vale catequese sem prática! Todavia, a prática carece de fundamentação teológica e espiritual para se evitar, a longo prazo, crises e desilusões. O conhecimento deficiente do projeto cristão pode ter como efeito o seguimento de um falso Jesus Cristo, modelado segundo interesses pessoais mesquinhos, muito distantes do Jesus dos Evangelhos e de sua clara premissa de conversão e de adesão ao Reino de Deus.

Desaconselha-se receber na VRC indivíduos com deficiências graves ou insolúveis no âmbito da fé. Correrão o risco de estar sempre na contramão desse ideal de vida, por remarem na direção contrária do projeto de Jesus de Nazaré. Seu contratestemunho provocará sérias tensões comunitárias e pastorais, com reflexos indesejáveis sobre quem vive com sinceridade o ideal que abraçou. Ser cristãmente deficitário corresponde a não compreender o valor de um estilo de vida saudavelmente evangélico, fundado no amor ao próximo e no serviço misericordioso aos pobres e injustiçados, por causa do Reino, nas pegadas do Mestre Jesus. Tudo isso vivido como corpo apostólico congregacional, com seu carisma peculiar.

c) A VRC corresponde a uma forma peculiar de viver a dimensão humana e a dimensão cristã. Consiste na prática do Batismo, como projeto de vida comunitária e missionária, a partir do compromisso público e formal assumido com uma congregação religiosa, através dos votos de pobreza, castidade e obediência, com um específico programa de vida e de engajamento na Igreja e na sociedade. O

projeto de VRC insere o religioso numa comunidade de fé e de missão. Criam-se, entre seus membros, profundos vínculos humanos e espirituais, a ponto de configurá-los como família de irmãos e de irmãs.

A sublimidade da VRC, portanto, consiste na prática dos valores humanos e cristãos, compartilhando anseios e aspirações, através de ações concretas de serviço ao Reino, de gestos de partilha e perdão e da vivência incansável do amor misericordioso. Tudo isso em decorrência do Evangelho, continuamente meditado, em vista da assimilação do testemunho do Mestre Jesus, a ser acolhido como ideal de vida.

Quem é recebido na VRC deve se dispor a vivê-la nessa perspectiva. Pessoas com deficiências humanas e cristãs insuperáveis dificilmente se deixarão tocar pelo que esse carisma eclesial tem a oferecer. Será grande o risco de a VRC nelas tornar-se infrutífera, por não encontrar o terreno propício para se desabrochar e revelar o potencial de humanização e de cristificação.

A VRC, em suas múltiplas configurações, caracteriza-se por ser carismática e profética. A dimensão carismática aponta para a ação do Espírito Santo no coração dos fundadores e das fundadoras, movendo-os a responder com iniciativas concretas e originais os desafios da Igreja e da sociedade de cada época, de modo particular, em contextos de crise e de desumanidade. A experiência dos fundadores torna-se o marco referencial de cada congregação. Será preciso remeter-se a ela sempre de novo, sob pena de incorrer em infidelidade ao Espírito, na eventualidade de deixá-la cair no esquecimento. O movimento de volta ao passado

carismático nada tem de saudosismo ou conservadorismo. Consistirá antes no esforço de escutar incessantemente o Espírito que fala aos membros do corpo apostólico congregacional, como falara no início e no correr dos tempos. Desconectar-se da dinâmica do Espírito significa decretar a morte da congregação.

A dimensão profética tem a ver também com o momento histórico e o contexto socioeconômico-eclesial em que surgem as congregações religiosas. As congregações apostólicas modernas, em geral, foram fundadas em situações de infidelidade da Igreja, contaminada por valores antievangélicos, em detrimento de sua missão de anunciadora da Boa-Nova do Reino. Ou, então, onde os empobrecidos e os marginalizados, privados de sua dignidade, sofrem injustiça e são deixados à própria sorte. Surgem, pois, congregações para ocupar-se com os indigentes, os doentes, os menores abandonados, os excluídos, as minorias sociais, os migrantes, os refugiados e um sem-número de outras parcelas da humanidade vítimas da desumanização. Os religiosos são urgidos a manter viva a chama desse profetismo carismático. Para tanto, prevê-se serem profundamente humanizados e radicalmente comprometidos com o projeto de Jesus.

Tendo Jesus de Nazaré, assim como nos transmitem os Evangelhos, como modelo e inspiração, considerando o carisma fundacional e desejando manter-se fiel à vocação profética, cada congregação guia-se por sua espiritualidade peculiar. Os distintos modos de viver no Espírito – espiritualidade – correspondem a explicitações da única vocação evangélica, com ênfase em um ou em outro aspecto do

evento cristão, sem perder de vista a globalidade do mistério de salvação consumado pelo Filho de Deus.

A formação na VRC tem como primeiro objetivo aprofundar o conhecimento da sabedoria cristã, por meio do estudo do Evangelho e da vivência cotidiana dos valores nele contidos, a fim de tornar sempre mais consistente o discipulado cristão, como vivência da humanidade nos moldes do Mestre Jesus, característica dos religiosos. A história da congregação e a vida do fundador devem ser estudadas sob o prisma do mistério cristão. A ausência dessa referência fundamental a Jesus Cristo torna inútil o acesso às coisas da congregação, por faltar aos formandos a perspectiva adequada para se deixar tocar por elas.

O conhecimento profundo de Jesus e o anseio por se humanizar conferem aos religiosos senso crítico e lucidez no que diz respeito às congregações, suas práticas e seus ideais. Impedem-nos de se acomodarem e perderem o ânimo e o vigor distintivos de quem se fez discípulo do Reino. O crescimento no conhecimento de Jesus e na dinâmica de humanização torna-se perceptível nas relações interpessoais, no âmbito da vida comunitária e no exercício da missão. Quem cresce em fraternidade e abre o coração para cuidar dos sofredores e dos injustiçados, está em profunda sintonia com Jesus e tem liberdade suficiente para não se apegar a pessoas, obras, lugares, ideologias e preconceitos. Pelo contrário, quando o religioso perde o sentido da fé e se afasta do Evangelho, torna-se insensível na relação com o próximo em situações dramáticas; acomoda-se nas estruturas da congregação, por lhe dar segurança; deixa-se seduzir pelos “encantos” da Modernidade no que tem de

consumismo, hedonismo, individualismo, narcisismo. Age como verdadeiro ateu revestido com verniz cristão!

Uma enorme espiral de problemas e crises surge no interno das congregações pela admissão de pessoas despreparadas para dar o passo da VRC ou incapacitadas para fazê-lo: querem ser religiosos sem o passo prévio da humanização e do discipulado cristão. Muitos são carentes de bases humanas elementares ou jamais fizeram a experiência de um amor pessoal a Jesus Cristo e não se demonstram preocupados em praticar o compromisso batismal. Em tais circunstâncias, torna-se inviável transformar a formação na VRC, como era de se esperar, em dinâmica de crescimento e de radicalização do processo de humanização, à luz do discipulado cristão, expresso como comunhão de vida e de ideais.

Portanto, o sucesso ou o fracasso da formação dependem de os formandos estarem em condições de assimilar os elementos peculiares da VRC, no que tem de vida comunitária e apostólica, numa linha de espiritualidade mistagógica. Entretanto, será indispensável uma base humana e cristã mínima, a ser paulatinamente consolidada com os recursos que a congregação coloca à sua disposição.

A pedagogia da formação tem como pressuposto uma correta compreensão da identidade e da missão da VRC. Convém entendê-la como vivência comunitária da fé batismal com seu desdobramento missionário, pautando-se por um projeto congregacional capaz de potenciar o cabedal de humanidade trazido consigo por cada formando. Esse viés

leva a compreender a pedagogia da formação como esforço em encontrar os melhores meios de possibilitar ao formando desenvolver seu potencial humano, incrementar a vivência da fé e viver com fidelidade criativa o carisma congregacional, acolhido com liberdade e generosidade.